



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
POLO CAJUEIRO
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS A DISTÂNCIA

TEXTOS MULTIMODAIS: DESAFIOS NO ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Cajueiro-AL
2025

ANTÔNIO MONTEIRO DOS SANTOS

TEXTOS MULTIMODAIS: DESAFIOS NO ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Português a Distância da Universidade Aberta do Brasil do Instituto Federal de Alagoas, Polo Cajueiro, como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Letras-Português

Orientadora: Professora M.^a Aurineide Profírio Barros Correia

Cajueiro-AL
2025



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Viçosa

S237t

Santos, Antônio Monteiro dos

Textos multimodais: desafios no ensino da variação linguística [recurso eletrônico] / Antônio Monteiro dos Santos. – Dados eletrônicos (1 pdf : 651 KB). – 2025.

Trabalho com 29 f.

Orientação: Profa. Ma. Aurineide Profírio Barros Correia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras/Português) – do Instituto Federal de Alagoas, Universidade Aberta do Brasil, Polo Cajueiro, Cajueiro, 2025.

1. Língua portuguesa - Aspectos sociais. 2. Comunicação escrita - Estudo e ensino - Brasil. 3. Linguagem e línguas - Estudo e ensino. I. Título.

CDD: 469.798

Maria Sueny Barbosa Soares
Bibliotecária – CRB-4/2368

ANTÔNIO MONTEIRO DOS SANTOS

TEXTOS MULTIMODAIS: DESAFIOS NO ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Português a Distância da Universidade Aberta do Brasil do Instituto Federal de Alagoas, Polo Cajueiro, como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Letras-Português.

Aprovado em: 26/05/2025

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

AURINEIDE PROFÍRIO BARROS CORREIA

Data: 18/07/2025 15:23:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Aurineide Profírio Barros Correia (Orientadora)
Instituto Federal de Alagoas - Ifal

Prof. Dr. Antônio Santos de
Lima Instituto Federal de
Alagoas - Ifal



Documento assinado digitalmente

CLEIDE CALHEIROS DA SILVA

Data: 29/07/2025 12:46:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Cleide Calheiros da Silva
Instituto Federal de Alagoas - Ifal

Cajueiro-AL
2025

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam na educação como instrumento de transformação social e cultural. Aos meus professores, que sempre me inspiraram a buscar o conhecimento e a valorizar a diversidade em todas as suas formas. À minha família, pelo apoio incondicional e por sempre acreditar em mim, mesmo nos momentos mais desafiadores. E, especialmente, aos estudantes e educadores que enfrentam o preconceito linguístico no dia a dia, com a esperança de que este estudo possa contribuir para um ensino mais inclusivo e transformador.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela força, saúde e sabedoria concedidas ao longo desta caminhada acadêmica. À minha família, pelo amor, apoio incondicional e incentivo em todas as etapas da minha vida. Sua presença e confiança foram fundamentais para que eu pudesse alcançar este objetivo. Aos meus professores e orientadores, que compartilharam seu conhecimento e experiência, contribuindo significativamente para minha formação e para a realização deste trabalho. Sua dedicação e paciência foram indispensáveis para meu crescimento acadêmico e pessoal. Aos colegas e amigos que, com palavras de incentivo e apoio, tornaram este percurso mais leve e motivador. E, finalmente, a todos os profissionais e estudantes que, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção deste trabalho. Que ele possa servir como uma pequena contribuição para a valorização da diversidade e para a luta contra o preconceito linguístico no ambiente escolar. A todos, meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar como textos multimodais, frequentemente utilizados no ensino da variação linguística, podem contribuir para a reprodução e perpetuação de estereótipos socioculturais, em vez de promover a valorização da diversidade linguística. A partir da análise dialógica de materiais coletados na internet, busca-se propor estratégias pedagógicas que possibilitem uma abordagem crítica desses textos em sala de aula, em consonância com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). A fundamentação teórica apoia-se nos estudos sobre textos multimodais (Souza Neto, 2017), variação linguística e preconceito linguístico (Coelho *et al*, 2021; Bagno, 1999; Bortoni-Ricardo, 2005), articulando essas contribuições com as orientações da BNCC para o ensino da variação linguística na Educação Básica. A pesquisa justifica-se pela necessidade de repensar práticas pedagógicas que, ao abordarem a variação linguística, muitas vezes acabam reforçando visões estereotipadas de determinados grupos sociais, em vez de promover o respeito à diversidade linguística e sociocultural dos falantes. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa (Chizzotti, 2003; Flick, 2013) de caráter dialógico (Bakhtin, 2011; 2018; Volóchinov, 2018), para investigar os sentidos e implicações socioculturais presentes em textos multimodais sobre variação linguística. Constatou-se que, embora os textos multimodais apresentem grande potencial pedagógico, sua utilização em sala de aula, muitas vezes, contribui para a reprodução de estereótipos associados a construções sociais e culturais que atribuem a determinados grupos características depreciativas, como ignorância, preguiça ou falta de instrução (Araújo, 2016). Tais estereótipos não derivam das estruturas linguísticas em si, mas de uma hierarquização sociocultural que marginaliza os falantes de determinadas variantes linguísticas. Diante disso, o estudo aponta a necessidade de uma abordagem crítica na utilização de textos multimodais, propondo ações pedagógicas que favoreçam a valorização da diversidade linguística. Entre as estratégias sugeridas, destacam-se: (1) a identificação de estereótipos presentes nos textos analisados; (2) a contextualização histórica e social das variedades linguísticas; e (3) a promoção da reflexão crítica por meio de atividades que estimulem os estudantes a analisar como determinados textos podem afetar a imagem, a autoestima e a identidade dos grupos retratados, bem como a pensar em outras possíveis narrativas sobre esses grupos, que valorizem suas formas de expressão linguística sem reforçar preconceitos ou discriminações.

PALAVRAS-CHAVE: Texto multimodal. Preconceito. Estereótipo sociocultural. Variação linguística.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 Captura de tela da busca
- Imagem 2 A seca no Nordeste
- Imagem 3 A preguiça do baiano
- Imagem 4 O matuto ignorante e preguiçoso

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 DIALOGISMO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DE TEXTOS MULTIMODAIS	12
2 OS TEXTOS MULTIMODAIS COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS E REFORÇO DE ESTEREÓTIPOS	14
3 PERCURSO METODOLÓGICO	16
4 ANÁLISES E DISCUSSÃO	18
4.1 Texto multimodal 1	14
4.2 Texto multimodal 2	21
4.3 Texto multimodal 3	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A variação linguística é um fenômeno inerente a todas as línguas vivas, evidenciando a diversidade cultural e social das comunidades de falantes (Bagno, 2003). No contexto brasileiro, entretanto, determinadas variedades linguísticas ainda são alvo de estigmatização, alimentando preconceitos que reforçam estereótipos e contribuem para a marginalização de grupos sociais historicamente desfavorecidos (Bagno, 2003). Com o advento das redes sociais, textos multimodais como memes, tirinhas, cartuns e charges passaram a ser amplamente compartilhados, tornando-se recursos comuns tanto na circulação digital quanto em contextos educacionais. Esses textos, que combinam elementos visuais e linguísticos, têm o potencial de engajar os/as estudantes e tornar as aulas mais dinâmicas (Kress; Van Leeuwen, 2006).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância de se trabalhar a variação linguística no Ensino Médio, destacando que o ensino da língua portuguesa deve promover a reflexão crítica sobre as diferentes formas de falar, valorizar a pluralidade cultural e combater preconceitos linguísticos (Brasil, 2018). Nesse sentido, é preciso garantir que o uso pedagógico desses textos não reforce estereótipos socioculturais ou discriminações, mas que contribua para a construção de uma prática educativa mais inclusiva e comprometida com a valorização da diversidade linguística e sociocultural.

No entanto, o uso acrítico desses textos pode contribuir para a reprodução de preconceitos, estigmas e estereótipos socioculturais, ao reforçar representações pejorativas de determinados grupos linguísticos (Mollica; Braga, 2003). Nesse contexto, o papel do professor é fundamental para mediar o uso desses recursos e evitar que tais representações perpetuem estereótipos e reforcem discriminações.

Diante disso, este estudo propõe investigar como textos multimodais, amplamente disponíveis na internet e frequentemente selecionados por professores/as para compor atividades em sala de aula ou materiais didáticos complementares, podem contribuir para a reprodução de preconceitos linguísticos associados à perpetuação de estereótipos socioculturais (Araújo, 2016), em vez de promover a valorização da diversidade linguística. A partir dessa análise, busca-se propor estratégias pedagógicas que favoreçam uma abordagem crítica e inclusiva no ensino da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa.

A pesquisa orienta-se pela seguinte questão norteadora: como os textos multimodais veiculados digitalmente podem reforçar e naturalizar estereótipos e de que maneira a atuação docente pode contribuir para a desconstrução desses estigmas, promovendo uma abordagem mais crítica e inclusiva das variações da língua?

É uma investigação de abordagem qualitativa (Chizzotti, 2003; Flick, 2013), cujo propósito é compreender os sentidos produzidos nos discursos dos textos multimodais analisados. Os dados foram analisados à luz da Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada nas investigações do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011; 2018; Volóchinov, 2018).

A pesquisa foi realizada a partir da análise de imagens disponíveis em plataformas digitais públicas, coletadas no mês de novembro de 2024, com atenção especial àquelas veiculadas em contextos educacionais. A seleção do material considerou critérios voltados à identificação de variedades linguísticas e à compreensão de como essas representações dialogam com discursos socioculturais que sustentam práticas preconceituosas e estigmatizantes.

Dessa forma, este estudo propõe fomentar práticas pedagógicas mais reflexivas e inclusivas, alinhadas aos princípios da BNCC, que reconhece e valoriza a variedade linguística como elemento essencial na formação cidadã. A esse respeito, a BNCC, nas competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental, orienta que os/as alunos/as devem “demonstrar atitude respeitosa diante de variedades linguísticas” (Brasil, 2018, p. 62), reforçando o compromisso com a promoção de uma educação que combata estigmas e valorize a pluralidade de modos de falar.

Ao discutir o uso de textos multimodais no ensino da variação linguística, esta pesquisa ressalta a importância de uma abordagem crítica, que considere as implicações socioculturais das representações linguísticas. Reconhecendo que determinadas variedades linguísticas são frequentemente associadas a estigmas e preconceitos, o estudo propõe práticas pedagógicas que favoreçam a valorização da diversidade linguística e sociocultural e estimulem a formação de uma consciência crítica entre os estudantes.

Este trabalho está organizado em quatro seções principais, além desta introdução e das Considerações finais. Inicialmente, são discutidos o dialogismo e a variação linguística como perspectivas teóricas para o estudo de textos multimodais, com base nos fundamentos que sustentam esta pesquisa. Em seguida, na seção “Os textos multimodais como recursos pedagógicos e o reforço de estereótipos”, examinamos o duplo papel desses recursos na educação, tanto como recursos didáticos quanto como possíveis veículos de preconceito. O Percurso metodológico detalha a abordagem qualitativa da pesquisa e o viés analítico adotado, incluindo critérios de coleta e a constituição do corpus analisado. Na seção “Análises e discussão”, os dados são apresentados e interpretados à luz do referencial teórico adotado. Já nas “Considerações Finais”, reunimos reflexões a partir dos resultados obtidos, apontando suas

possíveis implicações para a prática pedagógica e sugerindo caminhos para futuras investigações sobre a temática.

1 DIALOGISMO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DE TEXTOS MULTIMODAIS

A variação linguística, enquanto expressão da diversidade cultural e identitária de uma comunidade, manifesta-se por meio de diferenças fonéticas, lexicais e sintáticas que refletem contextos regionais, sociais e situacionais de uso da língua (Bortoni-Ricardo, 2005). No espaço escolar, compreender e ensinar essa diversidade constitui um desafio essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respeitem a multiplicidade de vozes e formas de dizer presentes na sociedade (Bagno, 2015).

No contexto escolar, o ensino da variação linguística tem papel fundamental para a valorização dessa pluralidade. Nesse sentido, compreender as variedades regionais, sociais e situacionais da língua possibilita ao estudante reconhecer e respeitar as diferenças linguísticas presentes em sua comunidade e em contextos mais amplos (Scherre, 2005). Além disso, o conhecimento sobre a variação linguística contribui para a formação de cidadãos críticos, capazes de analisar as relações entre língua, cultura e sociedade.

Nesse sentido, a BNCC (Brasil, 2018) destaca a variação linguística como um eixo fundamental no ensino de Língua Portuguesa. O documento orienta que o ensino deve explorar as diferenças de fala entre regiões, contextos sociais e situações comunicativas, incentivando uma escuta respeitosa e crítica das múltiplas formas de falar, propondo atividades que envolvem a identificação de fatores determinantes de registro linguístico e o reconhecimento das variedades como expressões legítimas da identidade cultural.

A variação linguística se manifesta de diferentes maneiras, como a variação diatópica (regional), diastrática (social), diafásica (situacional) e diacrônica (histórica), cada uma influenciada por fatores que vão além da estrutura da língua, envolvendo dimensões sociais e ideológicas.

Apesar de reconhecida como um componente legítimo da identidade cultural, a variação linguística ainda sofre forte estigmatização, tanto na sociedade quanto no ambiente escolar. Determinadas formas de fala são frequentemente carregadas de preconceitos relacionados a classe social, região geográfica ou raça e etnia. Esses preconceitos se sustentam, em parte, no fato de a variação diatópica permitir “identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma de uma pessoa pelo modo como ela fala. Através da língua, é possível saber que um falante é gaúcho, mineiro ou baiano, por exemplo” (Coelho *et al*, p. 38, 2021), o que a torna

particularmente suscetível a julgamentos valorativos.

Ao focalizar os condicionadores extralinguísticos que moldam o uso da língua, como o contexto social, histórico, regional e cultural do falante (Bortoni-Ricardo, 2005; Faraco, 2016), esse tipo de variação revela-se um campo fértil para a construção de estereótipos socioculturais.

Quando os fatores linguísticos são ignorados ou mal compreendidos, corre-se o risco de reduzir a linguagem de certos grupos a estereótipos, reforçando discursos discriminatórios. Como observam Coelho et al. (2021, p. 39),

exemplos de caricaturas baseadas na língua dos falantes podem ser encontrados com certa frequência em novelas e em programas humorísticos. É necessário, no entanto, olhar para essas caracterizações com alguma ressalva: em certos casos, a construção de um personagem como uma caricatura regional pode servir para reforçar um estereótipo negativo sobre as pessoas de determinada região, como o do “nordestino preguiçoso”, o do “caipira ignorante” etc.

Para combater essas representações reducionistas, é necessário, por um lado, reconhecer as marcas linguísticas específicas que caracterizam uma determinada variedade da língua, compreendendo seus traços fonéticos, lexicais, morfossintáticos e suas condições de produção (Coelho *et al.*, 2021). Por outro lado, torna-se imprescindível analisar criticamente os discursos que, de forma recorrente, reforçam visões estigmatizadas sobre determinadas formas de falar. Para além da identificação das marcas linguísticas envolvidas, é necessário compreender como esses discursos são construídos e que efeitos de sentido produzem.

Nesse contexto, a Análise Dialógica do Discurso (ADD) constitui um campo fértil para esse tipo de investigação, pois concebe o discurso como “a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (Bakhtin, 2018, p. 207). Em outras palavras, para Bakhtin (2018), a língua se estabelece e ganha significado na interação social, sendo uma prática essencialmente dialógica.

Partindo dessa concepção, a ADD permite realizar uma leitura crítica dos enunciados que circulam socialmente, especialmente em textos multimodais. Ancorada nos pressupostos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011; 2018; Volóchinov, 2018), essa análise considera os enunciados em sua materialidade concreta, atentando para os atravessamentos históricos, ideológicos e sociais que os constituem. Assim, torna-se possível problematizar as representações de identidades sociais construídas a partir das variedades linguísticas, evidenciando os valores, conflitos e relações de poder que operam na produção de sentidos.

Assim, nossa proposta visa compreender como as identidades sociais são construídas a partir das variedades linguísticas associadas a elas, bem como os valores e estereótipos atribuídos a essas associações. A análise busca evidenciar de que forma textos multimodais

podem contribuir para a reprodução e naturalização de preconceitos socioculturais, em vez de promover a valorização da diversidade linguística.

Nessa perspectiva, a ADD possibilita uma leitura crítica dos enunciados e de suas produções de sentido, constituindo uma via para pensar uma educação linguística mais crítica, dialógica e ética, comprometida com o reconhecimento das múltiplas vozes que compõem o espaço social (Amorim, 2007).

Essa abordagem torna-se especialmente relevante diante dos textos multimodais, amplamente presentes nas redes sociais e em diversos ambientes digitais, os quais são atravessados por múltiplas vozes que refletem diferentes posicionamentos sociais, culturais e ideológicos. Ao serem analisados sob a perspectiva dialógica, esses textos revelam como as vozes interagem, se complementam, se opõem ou se tensionam (Volóchinov, 2018). No contexto escolar, a aplicação da ADD a esses materiais possibilita que os/as alunos/as ampliem sua compreensão sobre os sentidos e valores produzidos por tais materialidades linguísticas, reconhecendo os mecanismos de valorização ou estigmatização presentes nesses discursos.

2 OS TEXTOS MULTIMODAIS COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS E REFORÇO DE ESTEREÓTIPOS

Conforme definido por Sousa Neto (2017, p. 3), o texto multimodal é aquele que “se compõe de pelo menos duas formas de linguagem, imagem e escrita” (Sousa Neto, 2017, p. 3).

Essa categoria engloba gêneros contemporâneos como memes, tirinhas e infográficos e têm sido cada vez mais incorporados ao contexto educacional, principalmente devido a seu potencial de engajamento, já que dialogam diretamente com a cultura digital dos/as estudantes.

Essa tendência reflete uma transformação mais ampla nas práticas comunicativas, como observa Dionísio (2006, p. 132), “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada” na sociedade contemporânea. Nesse contexto, Melo, Oliveira e Valezi (2012, p. 151) destacam que “a crescente demanda por gêneros que reúnam diversas linguagens é algo indiscutível e impossível de ignorar”, especialmente no âmbito educacional, onde a multimodalidade se mostra como ferramenta pedagógica valiosa.

No entanto, quando esses materiais retratam variações linguísticas de maneira pejorativa, acabam reforçando estereótipos e preconceitos relacionados à maneira de falar de determinados grupos sociais (Araújo, 2016). Esse paradoxo coloca um desafio pedagógico importante: como aproveitar o valor didático desses textos sem reforçar visões reducionistas sobre a diversidade linguística?

A BNCC estabelece uma abordagem crítica e reflexiva para o trabalho com a variação linguística em sala de aula, defendendo que as práticas pedagógicas devem superar a simples descrição das diferenças linguísticas (Brasil, 2018). O documento orienta abordagens metodológicas que promovam o reconhecimento das variedades do português como manifestações culturais legítimas, sem desconsiderar a importância do ensino da norma padrão para contextos formais de comunicação. No entanto, essa abordagem torna-se limitada ao não se promover uma análise crítica sobre como certos usos linguísticos são socialmente valorizados ou estigmatizados, evidenciando os mecanismos de hegemonia linguística que influenciam a construção desses valores.

Nesse contexto, os textos multimodais apresentam uma linguagem multifacetada que articula elementos visuais, verbais e gráficos, favorecendo tanto a interpretação quanto o engajamento do público (Kress; Van Leeuwen, 2006). Essa articulação é essencial para a construção de sentido, como destaca Mazdzinski (2008, p. 22), ao afirmar que

o processo textual das informações só pode se dar com a leitura integrada do texto verbal e do material visual – fotografias, infográficos, desenhos, símbolos e ícones, além do emprego de várias cores e da elevada informatividade visual do layout. Caso contrário, a leitura lacunosa poderá afetar significativamente a compreensão da unidade global do texto. Além disso, uma vez que os sentidos produzidos pelas diversas semioses que compõem o texto multimodal não são independentes entre si, pode-se constatar.

Além disso, uma vez que os sentidos produzidos pelas diversas semioses que compõem o texto multimodal são interdependentes entre si, torna-se evidente a necessidade de uma leitura atenta à interação entre essas linguagens. Nesse sentido, sem uma análise crítica, esses materiais podem reforçar estereótipos negativos, especialmente quando utilizados em ambientes como a escola. Em vez de promover uma reflexão sobre a diversidade linguística, esses textos podem, inadvertidamente, perpetuar preconceitos já existentes, se não forem abordados de forma consciente e reflexiva.

Quando esses textos vinculam variações linguísticas a atributos negativos, como falta de instrução ou ignorância, acabam normalizando esses estereótipos, especialmente entre alunos que já possuem uma visão limitada sobre a pluralidade linguística (Araújo, 2016). Por isso, é fundamental que os/as professores/as intervenham para contextualizar esses materiais e promover uma leitura crítica sobre o tema.

Textos multimodais podem ser uma oportunidade de explorar a riqueza da diversidade linguística, mas isso exige que os/as professores/as estejam preparados/as para desconstruir mensagens preconceituosas presentes nesses textos. Nessa perspectiva, a utilização de textos

multimodais em sala de aula transcende sua função inicial de recursos didáticos motivadores, revelando-se como recursos expressivos para o desenvolvimento de uma consciência linguística crítica.

Quando mediados por uma abordagem pedagógica reflexiva, esses materiais permitem aos/as alunos/as não apenas identificar representações estereotipadas de identidade socioculturais, mas principalmente compreender os processos sociais que naturalizam tais representações. Ao desconstruir coletivamente as associações pejorativas entre determinadas variedades linguísticas e características socioculturais negativas, os estudantes desenvolvem habilidades analíticas que lhes permitem questionar as representações estabelecidas.

Outro aspecto importante é que os textos multimodais podem ser reinterpretados e ressignificados. Em vez de perpetuar estereótipos, os/as professores/as podem incentivar os alunos a criarem suas próprias versões de memes e tirinhas que valorizem as diferentes formas de falar. Essa prática promove o protagonismo dos estudantes e transforma ferramentas inicialmente problemáticas em instrumentos de inclusão e respeito à diversidade linguística.

Por fim, é imprescindível que os/as professores/as sejam formados para utilizar textos multimodais de maneira ética e reflexiva. Isso inclui reconhecer os potenciais impactos negativos desses materiais e planejar estratégias pedagógicas que alinhem o ensino à valorização da diversidade linguística. Dessa forma, o uso de textos multimodais deixa de ser um risco e passa a ser uma oportunidade para desconstruir preconceitos e promover uma visão inclusiva sobre a língua e seus falantes.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa (Chizzotti, 2003; Flick, 2013) de caráter dialógico, fundamentada nos conceitos de Bakhtin (2011; 2018) e Volóchinov (2018), com o objetivo de compreender como determinados discursos podem contribuir para a reprodução e perpetuação de estereótipos socioculturais, em vez de promover a valorização da diversidade linguística.

De acordo com Chizzotti (2003, p. 221), a pesquisa qualitativa “recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise [...] e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre”.

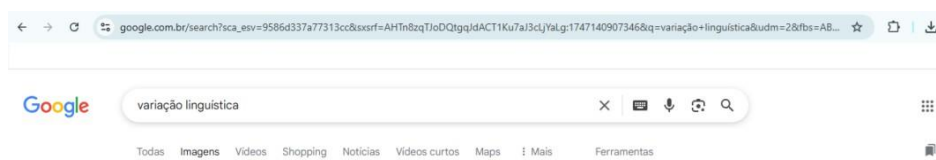
Nesse sentido, a escolha por uma abordagem qualitativa de caráter dialógico justifica-se pela natureza do fenômeno investigado, que envolve sentidos e significados atribuídos às

representações linguísticas em textos multimodais. Conforme destaca Chizzotti (2003), esse tipo de pesquisa busca interpretar os significados que os sujeitos atribuem às suas experiências em contextos concretos e socialmente situados, o que está em sintonia com a perspectiva dialógica bakhtiniana que concebe a linguagem como constitutivamente relacional, atravessada por vozes sociais e ideológicas em permanente interação (Volóchinov, 2018).

Assim, compreender o discurso significa compreender o outro, o contexto e os valores que organizam os enunciados, elementos fundamentais para analisar como certas variedades linguísticas são representadas e quais sentidos essas representações mobilizam nos discursos que são introduzidos na escola por meio de textos multimodais sobre variações linguística.

Dessa forma, com o objetivo de analisar como as representações sobre as variedades linguísticas são construídas em materiais amplamente acessíveis e potencialmente utilizados em contextos escolares, foram selecionados textos multimodais que circulam em ambientes digitais. A coleta desses materiais foi realizada no mês de novembro de 2024, no site de buscas *Google*, utilizando o descritor "variação linguística" e filtrando os resultados pela aba "imagens". A seleção visou identificar enunciados que evidenciassem discursos recorrentes sobre a "variação linguística", conforme evidenciado na imagem abaixo.

Imagem 01 – Captura de tela da busca



Fonte: Acervo do autor (2024).

A seleção das imagens obedeceu a três critérios principais: 1) identificar representações que possibilitassem a comparação de padrões discursivos relacionados ao reforço de estereótipos socioculturais, como a associação entre determinadas formas de falar e a falta de instrução, a inferioridade social ou o exagero cômico; 2) selecionar materiais que pudessem estimular discussões críticas sobre estigmatização sociocultural, como textos que marginalizam variações linguísticas regionais e 3) textos multimodais sobre variação linguística passíveis de serem ressignificadas em atividades pedagógicas, promovendo a desconstrução de estereótipos e a valorização da diversidade linguística e sociocultural.

A aplicação desses critérios resultou na seleção de três imagens, que constituem o corpus desta pesquisa. Cada uma delas apresenta uma representação da variedade regional marcada

por elementos linguísticos e visuais que reforçam estereótipos, como a associação linguística a características como ignorância, comicidade ou inferioridade social. Essas imagens foram escolhidas por evidenciarem de forma significativa os sentidos estigmatizantes produzidos associados à variação linguística no mundo digital, permitindo uma análise dialógica que considera os atravessamentos ideológicos presentes nos enunciados e os impactos dessas representações no contexto educacional.

A seguir, descrevemos brevemente as imagens selecionadas e os principais sentidos construídos por meio delas:

- Imagem 1: representa o Nordeste/Sertão, associando a variedade linguística nordestina a uma condição de atraso, simplicidade ou rusticidade, por meio de elementos visuais e verbais que evocam o cenário árido e o falar regional, muitas vezes tratado de forma caricata.
- Imagem 2: retrata o baiano como preguiçoso, por meio de expressões verbais e símbolos visuais que associam a fala baiana ao ócio, descompromisso ou desinteresse, perpetuando uma imagem estigmatizada e simplificada da cultura regional baiana.
- Imagem 3: representa o homem rural de forma reducionista, apresentando-o como um indivíduo de origem humilde e linguagem simplória, que supostamente não domina a norma padrão da língua.

Essas imagens foram selecionadas por sua relevância para a discussão sobre como os estereótipos socioculturais associados à variação linguística são reproduzidos e naturalizado no ambiente digital, constituindo um ponto de partida para uma análise dialógica dos discursos que circulam nas mídias e influenciam a construção de imaginários sociais sobre a linguagem e seus falantes.

A abordagem adotada permitiu reunir textos multimodais que não apenas evidenciam representações socioculturais pejorativas associadas à variação linguística, mas também oferecem potencial pedagógico para a desconstrução de estereótipos. A análise desses materiais buscou, assim, identificar não só os mecanismos de reforço do preconceito, mas também possibilidades de uso didático, com foco em uma abordagem inclusiva da língua e de seus usos sociais.

4. ANÁLISES E DISCUSSÃO

Os dados revelaram que a maioria das imagens analisadas retrata as identidades socioculturais relacionadas a determinadas variedades linguísticas de forma caricatural, recorrendo a traços exagerados ou simplistas que reforçam visões pejorativas. Como alertam

Coelho *et al.* (2021), em muitos casos, a construção de personagens em materiais didáticos ou midiáticos contribui para perpetuar estereótipos negativos sobre pessoas de determinadas regiões. Essa prática, ao invés de valorizar a diversidade linguística, acaba por reforçar desigualdades simbólicas e sociais já historicamente consolidadas. Essas representações reforçam estereótipos prejudiciais que podem impactar a autoimagem dos/as alunos/as e dificultar o reconhecimento da diversidade linguística como uma riqueza cultural (Bagno, 2003; Araújo, 2016). A seguir, apresentamos as análises dos três textos multimodais selecionados.

4.1 Texto multimodal 1

Imagem 2 – A seca no Nordeste



Fonte: <https://questoes.grancursonline.com.br/questoes-de-concursos.lingua-portuguesa/1964646>

A charge analisada apresenta um contraste marcante entre o avanço científico da descoberta de água em Marte e a dura realidade da seca no Nordeste. Através do humor e da ironia, a imagem denuncia não apenas a negligência social em relação às populações do interior brasileiro, mas também evidencia formas de preconceito linguístico e cultural historicamente enraizadas no país.

Os elementos visuais presentes no texto reforçam uma representação estereotipada e reducionista da região nordestina, associando-a à pobreza extrema e à falta de perspectivas. Os personagens são retratados como pessoas em condições precárias de vida, a mulher, por exemplo, aparece com dentes faltando e usando um vestido remendado.

A paisagem é marcada por um solo árido, com a presença de um cacto mandacaru, planta muito comum no semiárido do Nordeste, além de uma carcaça de um gado e um osso jogados no chão, elementos que evocam escassez, abandono e até mesmo a morte. A residência do casal

é um casebre deteriorado, e a única presença de tecnologia é um rádio de pilha, o que acentua a ideia de isolamento e atraso. Além dos elementos visuais, a imagem faz uso de expressões como “oxe” e “bichinha”, termos tipicamente associados à variedade linguística nordestina. Embora essas expressões sejam legítimas e culturalmente significativas, sua presença nesse contexto reforça o estereótipo de um modo de falar que seria inferior, exótico ou cômico.

Ao vincular a identidade linguística da população nordestina a um cenário de miséria, a imagem reforça um imaginário negativo sobre o Nordeste e seus falantes, apagando a diversidade cultural, social e linguística da região.

Nessa perspectiva, Castro; Guimarães; Costa (2022, p. 165), ao analisarem a presença do fenômeno da seca no Nordeste em livros didáticos de Geografia, destacam que “entre discursos e imagens [...] o discurso da seca assume uma prevalência, principalmente por seu cunho político, que se desenvolveu ao longo do tempo, definindo-se como uma marca registrada do recorte espacial da região”.

A gravidade dessa representação se intensifica ao considerarmos o contexto em que a imagem está inserida: ela compõe uma questão sobre variedade linguística disponível em uma plataforma de curso online que reúne questões de diferentes bancas de concursos e vestibulares do Brasil. Isso revela como discursos estereotipados e preconceituosos estão naturalizados no ambiente educacional, circulando de forma acrítica mesmo em materiais voltados à avaliação do conhecimento.

Nesse sentido, é fundamental que o ambiente educacional promova uma postura crítica diante dessas representações, reconhecendo e valorizando a pluralidade linguística como expressão da identidade e da cultura dos falantes. Como afirmam Costa; Santos; Nascimento (2011, p. 2), “uma maneira de respeitar essas diferenças é procurar compreender as características regionais”, o que implica ir além dos estigmas e construir uma visão mais inclusiva e consciente sobre as variações da língua.

Para isso, é possível propor estratégias pedagógicas que incentivem os/as alunos/as a identificar, nos textos multimodais, elementos que reforçam visões negativas ou caricatas de determinadas regiões, como a associação do Nordeste à ignorância ou à comichade, por meio do uso exagerado de traços linguísticos locais para gerar humor.

Essa abordagem pode incluir questões orientadoras como: “que elementos reforçam estereótipos sobre o Nordeste?” “De que forma a linguagem é mobilizada para provocar riso?” “Esse humor é inofensivo ou pode ser problemático?”. Outra abordagem necessária para a contextualização histórica dessas representações. Os/as estudantes podem refletir sobre a construção social de imagens associadas à seca, à pobreza e ao atraso, e discutir em que medida

essas representações invisibilizam outros aspectos da realidade nordestina, como sua diversidade cultural, riqueza artística e resistência histórica.

Além disso, promover reflexões sobre os impactos dessas imagens na autoestima dos sujeitos representados, por exemplo, como a charge afeta a identidade de pessoas nordestinas, pode abrir espaço para a construção de outras narrativas possíveis, mais respeitosas e plurais, alinhando-se dessa forma aos princípios da BNCC, que orienta o trabalho com gêneros multimodais e o desenvolvimento de competências relacionadas à análise crítica da linguagem, à valorização da diversidade cultural e ao combate a todas as formas de discriminação (Brasil, 2018).

4.2 Texto multimodal 2

Imagem 3 – A preguiça do baiano



Fonte: <https://anaceciliaromeu.blogspot.com/2011/12/o-gaúcho-e-o-baiano.html>

Na charge *O Baiano e o Gaúcho*, observa-se uma assimetria na representação das culturas do Rio Grande do Sul e da Bahia, revelando estereótipos enraizados no imaginário nacional. O gaúcho é representado com trajes típicos: bombacha, lenço e chapéu, e segurando uma cuia de chimarrão, símbolo da cultura sulista. Sua fala é permeada por expressões regionais, como os característicos "Bah, tchê!", o que reforça a autenticidade de sua identidade cultural.

No entanto, ao se deparar com o baiano e questionar: "*Então este é teu escritório e é assim que estás ocupado?*", sua fala carrega um tom de reprovação, revelando um preconceito

velado. A ironia implícita na pergunta sugere que o ambiente de lazer, a praia, não pode ser considerado um espaço legítimo de trabalho. Os elementos visuais reforçam essa conexão irônica ao apresentarem o baiano em um cenário que contrasta com a ideia tradicional de trabalho. Ele aparece deitado em uma rede, vestindo short e camiseta, com um violão nas mãos e tomando água de coco, tudo isso em plena praia. Essa composição visual acentua a percepção do estereótipo que associa o baiano à preguiça à ociosidade.

A resposta do baiano reforça o estereótipo ao empregar um elemento linguístico marcadamente regional, como o uso da expressão *oxe*, que contribui para a construção de uma identidade caricata. Embora ele afirme estar compondo músicas para o Carnaval, uma atividade culturalmente relevante, a menção à festa, símbolo nacional de lazer e folia, é utilizada na charge de forma a deslegitimar sua ocupação, como se ele só trabalhasse nesse evento. Dessa forma, a fala, ainda que reivindique uma forma legítima de produção artística, acaba sendo representada de maneira que reforça o imaginário estereotipado de que o baiano é preguiçoso, trabalha pouco e apenas em contextos de festa, alimentando um preconceito recorrente na sociedade brasileira.

Além disso, ao limitar a cultura baiana apenas ao Carnaval, a charge reduz a riqueza e diversidade cultural da Bahia a um aspecto folclórico, ignorando sua contribuição histórica, musical, religiosa e literária para o Brasil. Nesse sentido, Zanlorenzi (1999, p. 1), ao investigar o mito da preguiça baiana, constata que a “imagem formulada sobre a Bahia não corresponde à dinâmica do mundo do trabalho e à inserção da força de trabalho nas relações do capitalismo industrial que se implantou em Salvador a partir dos anos 50”.

A partir dessa constatação, Zanlorenzi (1999) argumenta que o Carnaval, longe de ser um fenômeno alheio à dinâmica produtiva, potencializa o mercado de trabalho na Bahia, gerando emprego, movimentando a economia e demandando uma intensa mobilização de serviços. Nesse sentido, a autora contesta o estereótipo da preguiça baiana ao afirmar que

o calendário das festas, incluindo-se o carnaval, não tem repercussões no ritmo do trabalho industrial e que os ciclos das festas, ao contrário do que apregoa o senso comum sobretudo o carnaval e as festas juninas - aquecem o mercado de trabalho, constituindo-se em momentos em que os baianos mais trabalham (Zanlorenzi, 1999, p. 1).

Diante disso, a autora afirma que própria lógica do Carnaval, com sua demanda por trabalho acelerado, sua cadeia produtiva complexa e seu ritmo exaustivo contradiz o estereótipo do baiano preguiçoso criado no imaginário popular (Zanlorenzi, 1999).

Dessa forma, fica evidente que o imaginário da "preguiça baiana" não se sustenta na realidade econômica, mas em representações distorcidas que ignoram o papel central das festas populares na geração de renda e na absorção de mão de obra.

Segundo a autora, esse estereótipo possui raízes históricas que remontam à década de 1950, quando os meios de comunicação começaram a construir, de forma gradual e persistente, uma imagem específica da Bahia. Nesse processo, o estado passou a ser representado como um destino turístico idealizado, “exótico, místico, misterioso, calmo, um lugar do não-trabalho” (Zanlorenzi, 1999, p. 6), reforçando a noção de que seus habitantes estariam naturalmente ligados à preguiça e à ociosidade, em contraste com outras regiões vistas como mais produtivas e dinâmicas

A análise da charge *O Baiano e o Gaúcho* revela como textos multimodais circulantes na internet operam como veículos de perpetuação de preconceitos socioculturais ao articular elementos visuais (cenário, vestuário) e linguísticos (expressões regionais) de forma assimétrica. O material reforça hierarquias regionais associando o baiano à informalidade e à improdutividade, enquanto o gaúcho é marcado com altivez e autenticidade. Esse mecanismo expõe como a internet recicla e amplifica estereótipos históricos, transformando diferenças linguísticas em marcadores de valor social.

Tais representações, ao reduzirem identidades complexas a caricaturas, naturalizam discriminações a grupos sociais historicamente marginalizados, como a população nordestina. A insistência em vincular o baiano à ociosidade, mesmo quando a história contradiz essa associação, evidencia como textos multimodais podem reforçar preconceitos sob o disfarce do humor.

A charge "O baiano e o gaúcho" pode ser um excelente ponto de partida para estratégias pedagógicas voltadas à análise crítica de estereótipos regionais e seus efeitos sociais, especialmente no ensino de variação linguística e leitura multimodal. Em sala de aula, professores/as podem propor uma leitura atenta da imagem, incentivando os/as alunos/as a identificar quais elementos visuais e linguísticos reforçam ideias cristalizadas sobre as figuras do “baiano preguiçoso” e do “gaúcho trabalhador”. A partir disso, é possível promover debates sobre como essas representações simplificam realidades complexas e ignoram as múltiplas identidades dos sujeitos retratados.

Como estratégia, sugere-se a elaboração de atividades em que os/as estudantes investiguem a origem histórica desses estereótipos e os comparem com dados e narrativas alternativas que valorizem a diversidade cultural e produtiva das diferentes regiões do Brasil.

Também é possível propor a produção de novas charges ou textos multimodais que ressignifiquem essas identidades de forma crítica e respeitosa.

4.3 Texto multimodal 3

Imagem 4 – O matuto ignorante e preguiçoso



Fonte: <https://www.professorjeanrodrigues.com.br/2012/05/atividade-de-portugues-sobre-variacao.html>

A imagem em análise utiliza estratégias verbo-visuais para construir um discurso aparentemente humorístico, mas que reforça estereótipos linguísticos e sociais. O texto, escrito em variedade não padrão, emprega marcas fonéticas e lexicais associadas ao português coloquial, como "condo" (quando), "nóis" (nós), "cumê" (comer), "bebê" (beber), "drumi" (dormir) e "trabaiá" (trabalhar). Essas escolhas linguísticas, embora representem a diversidade do português brasileiro, são dispostas de modo a criar um efeito de caricatura, especialmente pela estrutura repetitiva e pela quebra de padrão no último verso: "Condo é hora de trabaiá... HUUUUMMMMMMM... AÍ NÓIS FICA NO FEICE BUQUI".

Esse tipo de representação, comum em conteúdos digitais, contribui para a perpetuação do preconceito linguístico e sociocultural ao associar variedades dialetais a comportamentos negativos, como preguiça ou falta de profissionalismo. Segundo Bagno (2007, p. 03), "a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução". Isso significa que a variação linguística é uma característica natural da língua, manifestando-se nas diferentes formas de expressão oral ou escrita. Essas variações ocorrem por diversos fatores, entre eles o regionalismo, refletindo a diversidade cultural e social dos falantes.

Além do conteúdo linguístico, a imagem utiliza elementos visuais que reforçam estereótipos sociais e regionais. O personagem ilustrado é um homem com traços caricaturais típicos de uma figura rural: usa chapéu de palha, camisa xadrez, calça dobrada e sandálias. Está apoiado de maneira relaxada em uma cerca, com um palito na boca, corpo curvado e expressão despreocupada, o que reforça a ideia de preguiça e falta de comprometimento com o trabalho.

Essa construção estereotipada encontra eco nas reflexões de Bagno (2007, p. 38), que alerta para o fato de que o preconceito linguístico se sustenta na crença equivocada de que existe apenas uma

[...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]

Nesse contexto, a imagem reforça estereótipos ao representar o homem do campo, frequentemente referido como *matuto*, como alguém simples, de origem popular, e presumidamente incapaz de dominar a norma-padrão. Tal construção discursiva não é neutra, ao explorar traços linguísticos e visuais associados à rusticidade e à ignorância, o enunciado mobiliza uma memória social historicamente marcada por relações de poder e exclusão. A palavra *matuto*, por exemplo, conforme definido no dicionário online Aulete Digital, é usada para se referir àquele que é “rústico, ignorante, ingênuo”, o que evidencia a carga pejorativa associada a essa representação no imaginário coletivo.

A partir de uma perspectiva dialógica, é possível perceber que essa representação não apenas veicula um juízo de valor sobre o falar rural, mas também constrói uma identidade social inferiorizada, que se torna objeto de humor depreciativo. O riso, nesse caso, não emerge de uma celebração da diversidade, mas da ridicularização do outro, aquele cuja forma de falar e estar no mundo é marcada como “menos legítima”. Assim, a imagem articula vozes sociais que tensionam norma e variação, centro e periferia, reforçando discursos que legitimam a hegemonia de determinadas práticas linguísticas em detrimento de outras.

Diante desse cenário, o trabalho em sala de aula com esse tipo de material pode constituir uma excelente oportunidade para desenvolver práticas pedagógicas voltadas à formação crítica dos/as estudantes. Ao explorar os sentidos produzidos na charge, o/a professor/a pode propor atividades que não apenas identifiquem os recursos linguísticos e visuais presentes, mas que também estimulem a problematização das representações sociais nela construídas.

A partir de uma leitura dialógica, os/as alunos/as podem ser convidados/as a perceber como o humor opera nesse texto, não como uma forma neutra de entretenimento, mas como um instrumento que reforça hierarquias simbólicas e linguísticas, ao transformar em motivo de riso a fala de grupos historicamente marginalizados.

Como estratégia pedagógica, pode-se propor uma análise colaborativa do enunciado, na qual os/as estudantes discutam os efeitos de sentido gerados pela associação entre a linguagem rural e a ignorância, reflitam sobre os limites entre humor e preconceito e elaborem alternativas discursivas que valorizem a diversidade linguística. A atividade pode ser ampliada com a produção de textos multimodais que subvertam os estereótipos apresentados, promovendo narrativas mais inclusivas e respeitosas. Essa abordagem contribui não apenas para o desenvolvimento das competências linguísticas, mas também para a construção de uma postura ética e cidadã, em consonância com os princípios da BNCC (BRASIL, 2018), que preconiza o respeito às diferenças, a empatia e o reconhecimento da pluralidade cultural e linguística que compõe o tecido social brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou como textos multimodais, frequentemente utilizados no ensino da variação linguística, podem contribuir para a reprodução e perpetuação de estereótipos socioculturais, em vez de promover a valorização da diversidade linguística. Constatou-se que, embora esses recursos possuam grande potencial pedagógico, muitas vezes são utilizados de forma a reforçar estereótipos negativos que estão intrinsecamente ligados a construções sociais e culturais que associam determinados grupos a características depreciativas, como ignorância, preguiça ou falta de instrução (Araújo, 2016). Ou seja, o preconceito não se origina da estrutura linguística das variedades padrão, mas de uma hierarquização sociocultural que marginaliza os falantes dessas variantes.

A variação linguística, enquanto fenômeno natural e constitutivo da linguagem, reflete a complexidade cultural, histórica e social das comunidades de fala (Bortoni-Ricardo, 2005). No entanto, no espaço escolar, nem sempre essa diversidade é reconhecida em sua legitimidade. Quando não há uma mediação crítica, os textos multimodais utilizados em sala de aula podem reforçar visões cristalizadas sobre determinadas formas de falar, associando, principalmente variações diatópicas, a miserabilidade, preguiça e ignorância.

Assim, práticas pedagógicas que não promovam uma abordagem crítica da linguagem podem acabar reforçando estereótipos e reproduzindo hierarquias entre as diferentes formas de

falar. Nesse sentido, o ensino da variação linguística precisa ir além da simples apresentação de exemplos de diversidade linguística, faz-se necessário criar espaços de reflexão que possibilitem aos estudantes compreender os sentidos atribuídos às variedades linguísticas e questionar as representações negativas frequentemente associadas a elas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância de abordar a variação linguística, mas aponta a necessidade de práticas que promovam uma visão inclusiva e reflexiva (Brasil, 2018). Para isso, é essencial que os/as professores/as estejam preparados/as para utilizar textos multimodais de maneira que estimulem o debate e a desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade.

Por fim, a análise destacou que a desconstrução de estereótipos socioculturais associados à variedades linguísticas requer mais do que a crítica às imagens problemáticas. É necessário que os professores contextualizem historicamente essas representações, explicando aos/às estudantes como a normatização da língua está ligada a fatores de poder e exclusão. Essa abordagem contribui para uma compreensão mais ampla dos fatores que influenciam as identidades socioculturais e para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos sobre as dinâmicas sociais que envolvem a língua.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T; JOBIM, S; KRAMER, S. (orgs). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**, 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 11-25.
- ARAÚJO, E. M. Imagens preconceituosas e o reforço da discriminação linguística em ambientes digitais. **Revista de Sociolinguística**, v. 15, n. 2, p. 67-80, 2016.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso** - Por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo. Parábola. 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.
- CASTRO, F. L.; GUIMARÃES, G. L.; COSTA, G. B. A. Os estereótipos e representações da região Nordeste no livro didático de Geografia. **Revista Ensino de Geografia**, Recife, v. 5, n. 2, 2022.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, 16(2), p. 221-236. Universidade do Minho, 2003.
- COELHO, I. L. [et al], **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSTA, A. F. S.; SANTOS, F. O. A.; NASCIMENTO, J. B. C. Dos falares do Brasil ao falar do Nordeste. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 2011, Maceió. *Anais...* Maceió: Intercom, 2011.
- DIONIZIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B. & BRITO, K. S. (Orgs.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: 2006. P. 131 – 144.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. A pesquisa exploratória na abordagem

qualitativa em educação. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958>.

MAZDZENSKI, L. **Multimodalidade e Gênero Textual**: analisando criticamente as cartilhas jurídicas. Editora Universitária, Recife, 2008.

MELO, E.S.O.; OLIVEIRA, P.W.M.; VALEZI, S.C.L. Gêneros Poéticos em interface com gêneros multimodais. ROJO, R.; MOURA, E. (Org.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto. 2003.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 6 ed. São Paulo. Mercado de Letras: Associação de Leituras do Brasil. 2000.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle**: Variação Lingüística, Mídia e Preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, L. M. **O papel da escola no combate ao preconceito linguístico**: uma abordagem crítica. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 12, n. 1, p. 45-60, 2017.

SOUSA NETO, J. V. **O papel do texto multimodal nas aulas de língua portuguesa**. Anais IV SINALGE... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/27529>>. Acesso em: 27/03/2025.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018.

ZANLORENZI, E. **A Banalização da Preguiça**. In: XXII INTERCOM, 1999, Rio de Janeiro. Anais do XXII INTERCOM, 1999.